

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração da nova central de atendimento telefônico da empresa Atento

São Paulo - SP, 16 de fevereiro de 2007

Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,
Meu caro vice-governador do estado de São Paulo, Alberto Goldman,
Meu caro Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,
Meus queridos companheiros deputados federais,
Nosso querido companheiro Eduardo Suplicy,
Meu caro Antonio Carlos Valente, presidente do Grupo Telefônica,
Meu caro Agnaldo Calbucci, presidente da Atento-Brasil,
Meu caro Pedro Villar, presidente mundial do grupo Atento,
Meu caro Edilson de Paula, presidente estadual da Central Única dos Trabalhadores,

Meu caro Danilo Pereira da Silva, presidente estadual da Força Sindical,
Nossos queridos companheiros da imprensa, empresários, clientes da Atento, da Telefônica,

Minhas queridas moradoras daqui, Penélope e Quévia. Aliás, Villar, você precisa tomar cuidado porque a menina que falou aqui, se continuar galgando os degraus que ela for galgar, você vai perder o teu cargo na Atento, você precisa se cuidar.

Bom, meus queridos jovens trabalhadores e trabalhadoras da Atento, este é o quarto momento que eu vivo na inauguração de um call center por este País afora, e cada vez que eu vou visitar, inaugurar ou conhecer um call center, eu volto para casa imaginando se vocês não poderiam servir de exemplo para milhões e milhões de outras meninas e de outros meninos que ainda não tiveram a oportunidade de ter o seu primeiro emprego e que, portanto, têm o segundo emprego ainda muito mais distante.

A razão pela qual eu quis vir participar desta festa da Atento e conhecer por dentro o que vocês estão fazendo, foi a inquietação e a angústia que eu vivi na semana passada quando, no Rio de Janeiro, um jovem praticou um ato da

maior barbaridade, arrastando uma criança por vários quilômetros, matando aquela criança.

Quando acontece uma coisa que choca a todos nós, e de vez em quando acontece, não é regra, é exceção, mas acontece, muitas vezes as pessoas querem fazer justiça com as próprias mãos. E eu digo sempre que é exatamente nesses momentos que nós precisamos não permitir que apenas a emoção aja, mas que prevaleça a razão, porque eu, não como presidente da República, mas como ser humano; o Villar, não como presidente da Atento, mas como ser humano; o Goldman, não como vice-governador, mas como ser humano; e qualquer companheiro deputado ou qualquer um de vocês, a gente pode reagir emocionalmente e fica imaginando: e se a gente estivesse naquele lugar, naquele instante, e a gente pudesse fazer alguma coisa, o que a gente faria? Certamente nós faríamos quase que a mesma barbaridade que ele fez com aquela criança.

Eu vi muita gente querendo vingança a curto prazo e eu dizia: o Estado não pode reagir emocionalmente, o Estado precisa agir com as razões de toda a sua estrutura de Estado, para que possamos criar mecanismos para evitar que isso aconteça e, ao mesmo tempo, que a gente puna exemplarmente para não permitir que gestos como esses voltem a acontecer.

E fiquei pensando nos milhões e milhões de jovens da idade de vocês que moram nesta cidade, neste estado e neste País e que por uma razão qualquer não tiveram o bom encaminhamento na vida que vocês tiveram. Certamente, menos por culpa desse próprio jovem mas, quem sabe, por culpa de erros cometido pelo Estado brasileiro ao longo da sua história de não dar à juventude brasileira a atenção necessária para que ela pudesse significar definitivamente o futuro da nação.

É importante lembrar, é muito importante lembrar, que faz mais de 26 anos que a economia deste País não cresce o suficiente para gerar a quantidade de empregos e a distribuição de renda que nós precisamos. E muitos desses jovens que hoje estão presos são jovens de 24 anos de idade, de 20 anos de idade, que na época do “milagre brasileiro” não tinham nascido ainda, mas que na década de 80 já tinham três, quatro anos de idade. Eles são, na verdade, o resultado de um momento longo, de quase 25 anos, em que

o Estado brasileiro não cumpriu com as suas funções para com a grande parte do seu povo.

Então, eu fico me perguntando se seria justo punir apenas quem cometeu a barbaridade e esquecer de fazer a punição a quem é culpado por esses jovens terem chegado a essa situação. Porque são milhões de jovens que levantam de manhã, que moram mal, que foram desestimulados por qualquer razão a parar de estudar, que não têm perspectiva do emprego.

Eu fico imaginando que se a gente aceitar a diminuição da idade de puni-los para 16 anos, amanhã estarão pedindo para 15, depois para 9, depois para 10. Quem sabe, algum dia, queiram punir até o feto, se já soubermos o que vai acontecer no futuro.

Eu vim aqui para dizer que a cara do Brasil não é aquele jovem que cometeu aquela barbaridade. A cara do Brasil são vocês, é você que falou aqui neste microfone. Foi você que mostrou aqui, abraçou a chance que te deram e que ainda não quer parar, quer fazer muito mais. Porque você é nutrida pelas vitórias que você já obteve e por isso você quer conquistar mais.

Nós precisamos ter a compreensão de que o ser humano é tocado a esperança. Nós precisamos acordar todos os dias e ter certeza de que amanhã vai acontecer alguma coisa boa para nós. Muito simples de falar e muito difícil de fazer. E é por isso que o desafio não é do prefeito Gilberto Kassab, do governador Serra, do presidente Lula, dos empresários ou do movimento sindical, a responsabilidade, na verdade, é de 190 milhões de habitantes, porque todos nós, direta ou indiretamente, temos um “quezinho” de responsabilidade pelo Brasil não ter dado, no tempo certo, as coisas que poderia ter dado. Nós não conseguimos alfabetizar no tempo certo, nós não conseguimos fazer a reforma agrária no tempo certo, ou seja, o Brasil vem sempre caminhando atrás da conquista de outros países e nós precisamos levantar a cabeça para compreender que o Brasil precisa dar um salto de qualidade. E vocês são a esperança, porque vocês não aparecem na televisão, vocês não aparecem no jornal. Uma história bonita como essa que você contou aqui não aparece, se você tivesse cometido um delito, apareceria na televisão.

Então, é preciso que a gente aprenda que o Brasil não é feito apenas de coisas ruins, o Brasil tem coisas extraordinárias acontecendo neste País e nós precisamos mostrar até para que sirva de incentivo a outras pessoas que estão

dentro de casa desesperançadas, jovens que levantam de manhã, dormindo, cozinhando, fazendo as suas necessidades num quarto de 3x3, repartindo espaço com rato, com córrego, sabendo que seus amigos têm computador e que ele não tem, sabendo que seus amigos têm televisão e ele não tem, sabendo que seus amigos têm computador e ele não tem. Qual é a esperança?

Muitas vezes, assistindo dentro de casa a família totalmente desestruturada, é filho que não respeita pai, é pai que não respeita filho, é mãe que briga com pai, é pai que briga com mãe. Qual é a esperança que tem esse jovem? Diferente de quando a gente se levanta e a família da gente está em harmonia, que a gente sai para trabalhar sabendo que está tudo bem dentro de casa, a gente volta do trabalho sabendo que vai encontrar o aconchego, vai encontrar um cafuné da nossa família quando voltar para dentro de casa.

É isso que permite que o País encontre o equilíbrio que todos nós precisamos para recuperar o tempo perdido, porque são décadas e décadas em que as coisas não aconteceram neste País.

Pois bem, eu estou dizendo isso para dizer para os jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras, que este País está tendo mais uma chance e todos vocês sabem que em raríssimos momentos da história deste País nós tivemos condição de dar um salto de qualidade tão favorável como nós estamos agora. Está tudo preparado, a mim não importa o discurso que façam os que me defendem ou que faça a oposição, aliás, eu acho que essas coisas fazem parte da democracia e a gente nunca pode achar ruim. Qualquer que seja a crítica é preciso que a gente olhe para a frente e veja o que pode acontecer.

Eu quero dizer par vocês, meus caros da Telefônica, da Atento, que está para acontecer uma outra revolução neste País. Eu disse durante a campanha e disse depois da posse que até o final deste mandato, em cada município deste País, nós teremos Internet banda larga, em cada um dos quase 6 mil municípios deste País. Eu disse que em cada cidade-pólo deste País terá uma extensão universitária e terá uma escola técnica profissional para formar a mão-de-obra da juventude brasileira.

E eu disse que nós vamos aumentar a quantidade de alunos no ProUni, que este ano aumenta praticamente mais 100 mil jovens, e nós pretendemos, inclusive, Goldman, resolver o problema de dívida das universidades privadas, trocando a dívida por uma bolsa. Tem universidade que deve 10 ou 15 anos ao

governo, não vai pagar mais. Então, se não tem dinheiro, pague com a bolsa, nos entregue de volta um doutor, nos entregue de volta uma pessoa formada que já está resolvido esse problema. Porque o momento é exatamente este.

Eu tenho dito, todo santo dia quando converso com os deputados, vou dormir todo santo dia sabendo que este País já jogou fora dezenas de oportunidades. Na história do Brasil nós já tivemos momentos de ouro várias vezes em que, de repente, escapou pelo vão dos dedos dos governantes. E nós não temos o direito de permitir que mais uma chance fuja pelas nossas mãos. São milhões de meninas e meninos espalhados por este Brasil, que levantam todo santo dia na expectativa de que a sua oportunidade chegue. E cabe a nós criar as oportunidades.

Isso não vai acontecer num passe de mágica, isso vai acontecer num conjunto de políticas combinadas entre prefeituras, governos dos estados, governo federal, entre empresários e trabalhadores, entre empresários e governo, para que a gente comece a colocar na cabeça de cada jovem que a regra neste País não é a barbárie de um jovem menor que mata uma criança. Isso é exceção. A regra deste País são meninos e meninas que, como vocês, aprenderam desde cedo que é muito mais digno ganhar o pão de cada dia trabalhando honestamente e que vocês só precisam de uma oportunidade, se a tiverem, não largarão, e correrá até risco para os presidentes das empresas de vocês tomarem o lugar deles, porque vocês podem chegar lá. E graças a Deus, no Brasil, pode. Se um metalúrgico conseguiu sair de dentro de uma fábrica e virar presidente da República, se companheiros dentro do Banco do Brasil, que começaram como ajudante do almoxarifado, chegaram a presidente do Banco do Brasil, significa que neste País nós podemos tudo, basta que a gente tenha a força dessa menina que aqui falou, que a gente acredite, antes de tudo, em nós mesmos, e que a gente não desista nunca, porque o amanhã não será construído pelo nosso vizinho, será construído por nós, com a força que nós temos dentro de nós.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, hoje é um dia em que eu vou me deitar, quando chegar em São Bernardo, gratificado. Gratificado porque de vez em quando a gente vê a televisão mostrar quatro, cinco, seis, dez, 20 jovens desencaminhados mas que, na minha opinião, ainda têm chance. Mas eu hoje tive a oportunidade de ver, num pequeno espaço, onde

era uma fábrica de café, se não me falha a memória era o café Seleto, uma fábrica antiga, que poderia, como outras tantas, serem destruídas, mas os avanços tecnológicos, o crescimento do setor de serviço mostrou que neste lugar tem mais gente, tem mais brasileiros e brasileiras trabalhadores, de boa fé, de esperança, com vontade de vencer na vida do que qualquer outra fotografia que queiram mostrar daqueles que estão desencaminhados.

Vocês, no fundo, no fundo, significam o Brasil, a cidade de São Paulo e o estado de São Paulo que nós queremos construir.

Que Deus abençoe a todos vocês e meus parabéns à Atento.